

## **A parábola do pai misericordioso: uma releitura de Lc 15,11-32 à luz do contexto histórico-cultural da Palestina no tempo de Jesus**

*The merciful father's parable:  
a reinterpretation of Lk 15:11-32 from the historical-cultural  
context of Palestine at the time of Jesus*

*Tiago Cosmo da Silva Dias*

### **Resumo**

Este artigo visa analisar a parábola do pai misericordioso, de Lc 15,11-32, a partir, sobretudo, do contexto histórico-cultural da Palestina no tempo de Jesus, que enriquece sobremaneira os elementos contidos na redação do texto. Na verdade, o capítulo 15 de Lucas, que se situa na grande seção na qual o evangelista narra a subida de Jesus para Jerusalém, contém três parábolas que procuram mostrar o agir de Deus com relação ao pecador, ali simbolizados nas figuras do pastor, da mulher e do pai, que fazem o que está ao seu alcance para recuperar o que perderam. As narrações nascem, segundo o evangelista, porque os escribas e os fariseus acusam a Jesus de acolher os pecadores e fazer refeição com eles (Lc 15,1-2). A resposta do Senhor aos que o acusavam é clara: o pai respeita a liberdade do filho que deseja partir, mas quando o vê retornando, acolhe-o com amor e compaixão, afinal, “haverá no céu mais alegria por um pecador que se converta do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão” (Lc 15,7).

**Palavras-chave:** Parábola. Pai Misericordioso. Evangelho de São Lucas.

## Abstract

This article aims to analyze the parable of the merciful father, from Lk 15:11-32, based, specially, on the historical-cultural context of Palestine at the time of Jesus, which greatly enriches the elements contained in the text's writing. In fact, Lk 15, which is located in the large section in which the evangelist recounts Jesus' ascent to Jerusalem, contains three parables that seek to show the action of God in relation to the sinner, symbolized there in the shepherd's, wife's and father's figures, who do what they can to recover what they have lost. The narrations are born, according to the evangelist, because the scribes and the pharisees accuse Jesus of welcoming sinners and having a meal with them (Lk 15,1-2). The Lord's response to those who accused him is clear: the father respects the freedom of the son who wants to leave, but when he sees him returning, he welcomes him with love and compassion, after all, "there will be more joy in heaven for a converted sinner than by ninety-nine righteous people who do not need conversion" (Lk 15,7).

**Keywords:** Parable. Merciful father. Gospel of St. Luke.

## Introdução

Na introdução do livro *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*, Snodgrass<sup>1</sup> ressalta que havia uma tendência, até o final do século XIX, de os intérpretes procurarem um sentido quase que obscuro em cada palavra das parábolas de Jesus – o que se chamaria de alegoria –, e critica esse tipo de análise.

Pagola,<sup>2</sup> em contrapartida, afirma que Jesus não compôs alegorias, já que se tratava de uma linguagem demasiadamente complicada para os camponeses da Galileia. O Nazareno contara simplesmente parábolas que, na verdade surpreendiam a todos justamente pela sua simplicidade e por serem tão vivas e penetrantes.

As parábolas do capítulo 15 do evangelho de Lucas<sup>3</sup> são consideradas, quando estudadas à luz da cultura oriental, *Evangelium in Evangelio*,<sup>4</sup> e se

<sup>1</sup> SNODGRASS, K., *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*, p. 27.

<sup>2</sup> PAGOLA, J. A., *Jesus Aproximação Histórica*, p. 148.

<sup>3</sup> Aqui analisar-se-á apenas a terceira parábola, do Filho Reencontrado, embora o argumento valha para as três.

<sup>4</sup> BAILEY, K., *As parábolas de Lucas*, p. 251.

situam na viagem de Jesus à Jerusalém que, no evangelho de Lucas, começa em 9,51 e se estende até 19,28.

O grupo de parábolas, que tem por objeto a boa nova da salvação em sentido estrito, é dito não aos pobres, mas aos opositores. É esta sua nota especial, o seu *Sitz in Leben*: não é primeiramente apresentação do Evangelho, mas defesa e justificação dele, armas contra os críticos e inimigos da boa-nova que se exaltam quando Jesus prega que Deus se interessa pelos pecadores, e que também se escandalizam por Jesus manter a comunhão de mesa com os desprezados.<sup>5</sup>

Kodell<sup>6</sup> realça que, provavelmente, a parábola do filho reencontrado é a mais famosa, dentre todas as que Jesus contou em seu ministério público. De fato, além de ser um clássico de intuição espiritual, possui uma grande riqueza literária. Já neste início, é salutar destacar que o título tradicional, “o filho pródigo”, é errôneo, pois a história é sobre um pai e seus dois filhos, cujo ponto central é a prodigalidade do pai no amor aos dois, e não o desperdício de bens materiais pelo filho mais novo.

## 1. O porquê do capítulo 15: a comunhão à mesa

As parábolas do capítulo 15 de Lucas são uma espécie de resposta à acusação que os fariseus e os peritos da Lei (Lc 15,1-3) fazem a Jesus de acolher publicanos e pecadores e fazer refeição com eles. É desse dado que se deve partir.

O sentido cultural da comunhão à mesa ou da comensalidade, algo bastante característico de Lucas, em qualquer parte do mundo é assunto relativamente sério, principalmente no Oriente Médio.

Para entender o que Jesus estava fazendo ao comer com “pecadores”, é importante perceber que no Oriente, até hoje, convidar um homem para uma refeição é uma honra. É uma oferta de paz, confiança, fraternidade e perdão; em suma, compartilhar de uma mesa significa compartilhar de vida [...]. Desta forma, as refeições de Jesus com os publicanos e pecadores [...] são expressões da missão e da mensagem de Jesus (Mc 2,17), são refeições escatológicas, celebrações antecipadas do banquete do fim dos tempos (Mt 8,11), em que a comunidade dos santos já está sendo representada (Mc 2,19). A inclusão de pecadores na comunidade da salvação, conseguida com a comunhão à mesa, é a expressão mais significativa da mensagem do amor redentor de Deus.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> JEREMIAS, J., As parábolas de Jesus, p. 127.

<sup>6</sup> KODELL, J., Lucas, p. 95.

<sup>7</sup> JEREMIAS, J. *apud* BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 194.

No Oriente, um nobre pode alimentar qualquer número de pessoas necessitadas de nível inferior, como sinal de generosidade, mas não come com elas. Todavia, quando os convivas são “recebidos”, a pessoa que os recebe come com eles. A refeição é um sinal especial de aceitação. O hospedeiro afirma esse fato fazendo chover sobre os seus hóspedes uma longa série de cumprimentos, aos quais os hóspedes precisam responder. Nos Evangelhos, Jesus demonstra bastante empenho e interesse nos relacionamentos sociais com publicanos e pecadores. Não é, portanto, de se admirar que os fariseus ficassem desconcertados.<sup>8</sup>

Além disso, também existe a possibilidade de que Jesus estivesse hospedando pecadores. Se esta é a intenção do v. 2, ela é muito significativa, já que, em qualquer banquete oriental, pensa-se que o hóspede está trazendo honra à casa em que é recebido. De fato, o hóspede, uma vez aceito, é sagrado, e deve ser protegido de qualquer perigo, até às custas da vida dos membros de sua própria família<sup>9</sup>. Se Jesus recebia os pecadores, a ofensa, na perspectiva farisaica, torna-se ainda mais grave. Em síntese, portanto, as três parábolas de Lc 15 são quase uma defesa dos atos de Jesus.<sup>10</sup>

## 2. Aspectos literários

A parábola do Filho Reencontrado, vista no seu conjunto, pode ser dividida em duas passagens distintas: primeiro, no que diz respeito aos acontecimentos quanto ao filho mais novo (v. 11-24); depois, no diálogo do pai com o filho mais velho (v. 25-32).

É importante olhar para a estrutura da primeira parte da parábola, chamada por Bailey<sup>11</sup> de *balada parabólica*, que neste caso tem doze estrofes que combinam uma com a outra usando paralelismo invertido. As últimas seis invertem as primeiras seis. O primeiro discurso ao pai está no começo. O segundo, invertendo o primeiro, encontra-se no meio. O fim da estrutura inverte o começo. O centro é o ponto de retorno, como se espera com o uso do princípio de inversão. Ao mesmo tempo, uma série de correspondências secundárias aparece, quando se percebe a estrutura básica:

<sup>8</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 194.

<sup>9</sup> MCKENZIE, J. L., Hospitalidade, p. 392.

<sup>10</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 194-195.

<sup>11</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 210.

- 1 UM FILHO É PERDIDO (metade do que se tem!) (v. 11-12)
  - 2 BENS GASTOS COM UMA VIDA DESREGRADA (v. 13)
    - 3 TUDO PERDIDO (v. 14)
      - 4 O PECADO (cuidar de porcos para gentios) (v. 15)
        - 5 REJEIÇÃO TOTAL (v. 16)
          - 6 MUDANÇA DE MENTALIDADE (v. 17)
            - 6' ARREPENDIMENTO (por conveniência!) (v. 19)
              - 5' ACEITAÇÃO TOTAL (v. 20)
                - 4' O ARREPENDIMENTO VERDADEIRO (v. 21)
                  - 3' TUDO GANHO; RESTAURAÇÃO À FILIAÇÃO (v. 22)
                    - 2' BENS USADOS NA ALEGRE CELEBRAÇÃO (v. 23)
                      - 1' UM FILHO É ACHADO (v. 24)

É importante constatar que a cada desejo, perda ou necessidade física da primeira parte da parábola corresponderá, progressivamente, a restauração à filiação e a alegria que daí emana, após o arrependimento do filho mais novo:<sup>12</sup>

#### **discurso I**

ele vai embora  
necessitado, mas não arrependido  
torna-se cuidador de porcos  
não come nada  
está moribundo

#### **discurso II**

ele volta  
necessitado, e verdadeiramente arrependido  
torna-se filho honrado  
alimenta-se de bezerro cevado  
está vivo

Estrutura bastante semelhante é usada na segunda parte da parábola, quando aparece o filho mais velho. Ele está fora de casa quando chega seu irmão. O seu caminho para a sala do banquete é apresentado passo a passo como paralelo da estrada palmilhada pelo pródigo.

- 1 ELE VEM (v. 25)
  - 2 TEU IRMÃO – ILESO – UMA FESTA (v. 27)
    - 3 UM PAI VEM PARA RECONCILIAR (v. 28)
      - 4 QUEIXA I (Como me tratas) (v. 29)
        - 4' QUEIXA II (Como tratas ele) (v. 30)
          - 3' UM PAI TENTA RECONCILIAR (v. 31)
            - 2' TEU IRMÃO – ILESO – UMA FESTA (v. 32)
              - 1' ? (**faltando!**)

<sup>12</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 211.

Outra vez é usado o princípio de inversão. As ligações entre as estrofes correspondentes são claras e fortes. No centro, estão as queixas. Na estrofe 3 o pai vem para reconciliar; em 3', vê-se o seu discurso de reconciliação. O que se pode notar é que a estrutura desta última parte está inacabada.<sup>13</sup>

Agora, com estas correspondências semânticas, é possível examinar os elementos culturais, alguns dos quais poderão iluminar outros paralelismos.

### **3. Análise à luz dos elementos culturais da Palestina**

No mundo antigo, o desrespeito para com os pais (especialmente ao genitor do sexo masculino) ou o desleixo no cuidado deles era severamente condenado, a ponto de ser considerado uma transgressão passível de cárcere. Aliás, a própria Escritura atestava que os filhos rebeldes deveriam ser apedrejados. No chamado código deuteronômico (Dt 12–26), que reúne diversas coleções de leis de diferentes origens, se lê:

Se alguém tiver um filho rebelde e indócil, que não obedece ao pai e à mãe e não os ouve mesmo quando o corrigem, o pai e a mãe o pegarão e o levarão aos anciãos da cidade, à porta do lugar, e dirão aos anciãos da cidade: “Este nosso filho é rebelde e indócil, não nos obedece, é devasso e beberrão”. E todos os homens da cidade o apedrejarão até que morra. Deste modo extirparás o mal do teu meio, e todo Israel ouvirá e ficará com medo (Dt 21,18-21).

O livro do Eclesiástico também prescreve que não se deveria dar, seja ao filho ou à mulher, poder algum enquanto vivesse. Logo, a herança deveria ser repartida somente na hora da morte (Eclo 33,20-24).<sup>14</sup>

Ora, já nos vv. 11-12 da parábola, mostra-se que o pródigo, ao pedir sua parte da herança, está desejando a morte do seu pai, enquanto o pai, demonstrando um amor sem igual, concede-lhe o que pede. Por outro lado, o silêncio do filho mais velho indica uma rejeição de sua responsabilidade de reconciliar seu irmão com seu pai.<sup>15</sup>

Pagola acentua que é justamente este contexto que desperta a atenção dos ouvintes de Jesus:

<sup>13</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 238.

<sup>14</sup> SNODGRASS, K., Compreendendo todas as parábolas de Jesus, p. 193.

<sup>15</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 211-212.

Quando Jesus começa a falar dos problemas de um pai para manter unida sua família, todo mundo presta atenção. Conhecem conflitos parecidos, mas o que este filho pede é imperdoável. Ao exigir a sua parte da herança, está dando por morto seu pai, rompe a solidariedade da família e joga por terra sua honra. Como irá repartir sua herança um pai estando ainda em vida? Como irá dividir sua propriedade pondo em perigo o futuro da família? O que o filho exige é uma loucura e uma vergonha para todo o povoado. O pai não diz nada. Respeita a insensatez do filho e reparte entre eles a sua herança. Os ouvintes devem ter ficado consternados. Que tipo de pai é este? Por que não impõe sua autoridade? Como pode aceitar a loucura do filho, perdendo sua própria dignidade e pondo em perigo toda a família?<sup>16</sup>

De fato, em toda a literatura do Oriente Médio, desde os tempos antigos até a década de 80, Bailey<sup>17</sup> escreve que não houve nenhum caso de algum filho, mais velho ou mais jovem, que tenha pedido a sua herança ao pai que ainda estava gozando de boa saúde.

### 3.1. A primeira parte da parábola: o relato do filho mais novo

Partindo destas implicações do pedido do filho, é ainda mais surpreendente que o pai concorde. Naquele ambiente, esperar-se-ia que o pai explodisse e disciplinasse o rapaz por causa das cruéis consequências do seu pedido. É difícil imaginar uma ilustração mais dramática da qualidade desse amor, que dá liberdade até para rejeitar a pessoa que ama. O curioso é que o pai dá ao filho não só a propriedade, mas também o direito de vendê-la. De fato, havia uma distinção importante entre o *direito de propriedade* e o *direito de uso*; este último só era concedido após a morte efetiva do pai. O rapaz, porém, vende os bens.<sup>18</sup>

A situação jurídica era a seguinte: havia duas formas de transmissão de posse de pai para filho: por testamento e por doação entre vivos. No último caso valia a regra: o interessado recebia imediatamente o capital, e só depois da morte do pai é que recebia o gozo do uso. Significa: o filho recebia, no caso de doação entre vivos, o direito de posse (o pai não podia, por exemplo, vender os campos em causa), mas não o direito de

---

<sup>16</sup> PAGOLA, J. A., *Jesus Aproximação Histórica*, p. 161.

<sup>17</sup> BAILEY, K., *As parábolas de Lucas*, p. 214.

<sup>18</sup> BAILEY, K., *As parábolas de Lucas*, p. 215.

dispor (se o filho vendesse, só depois da morte do pai que o comprador tomaria posse), não o gozo do uso. [...] O mais novo, porém, no v. 12 não exige apenas o direito de posse, mas também o direito de dispor; ele quer, portanto, libertar-se e fundar-se a própria existência livremente.<sup>19</sup>

Já no que diz respeito ao filho mais velho, na cena inicial ele aparece por duas vezes, e espera-se que ele reaja de duas maneiras: ou que aceitasse a sua parte em voz alta, como protesto contra as implicações do pedido de seu irmão; ou, no mínimo, que aparecesse na história assumindo o papel de conciliador. No entanto, seu silêncio sugere fortemente que o seu relacionamento com o pai não era como devia ser. Além do que, o pai dividiu seus bens *entre eles*, o que dá a entender que também o filho mais velho se beneficiou da transação.<sup>20</sup>

O curioso é que “depois de não muitos dias” o filho mais novo transforma a sua parte em dinheiro. No entanto, ao dirigir-se a um comprador em potencial, aumenta a intensidade do ódio da comunidade; cresce também o seu desgosto. Para qualquer lado que se voltasse, deparar-se-ia com espanto, horror e rejeição, já que o apego do camponês do Oriente Médio à sua terra é tão antigo quanto o relacionamento de Nabote com a sua vinha (1Rs 21,1-3).<sup>21</sup>

O texto não conta se o dinheiro foi desperdiçado de maneira moral ou imoral – como o acusará, depois, o filho mais velho, de tudo gastar com rameiras (v. 30). Gourgues<sup>22</sup>, porém, não deixa de mencionar o fato de que o filho mais novo afirmar-se, depois, ter pecado contra o céu (vv. 18-21), ou seja, contra Deus, o que deixa supor a transgressão de algum mandamento.

Fato é que, naquele momento preciso, a fome começava a lhe assolar. As fomes tinham uma imagem poderosa para um auditório do século I na Palestina. Um judeu solitário em um país estranho e distante, sem dinheiro nem amigos, seria especialmente vulnerável durante uma fome de grande porte. De fato, se houve necessidade, ele, mais do que os outros, começou a senti-las – por isso a ênfase no v. 14: *Ele* começou a passar necessidades.<sup>23</sup>

A maneira polida com que o habitante do Oriente Médio se livra de pessoas indesejáveis é atribuir-lhes uma tarefa que se sabe que recusarão. Qualquer pessoa que tenha comida em tempos de fome terá um grupo de pedintes à porta. Contudo, o orgulho do filho mais jovem ainda não chegara

<sup>19</sup> JEREMIAS, J., As parábolas de Jesus, p. 130.

<sup>20</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 218.

<sup>21</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 218.

<sup>22</sup> GOURGUES, M., As parábolas de Lucas, p. 124.

<sup>23</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 220.



totalmente ao fim, e a tentativa de se livrar dele dá errado: ele aceita o trabalho de cuidador de porcos.<sup>24</sup>

Ele tem que ocupar-se com animais impuros, não pode santificar o sábado, isto é, ele chegou ao extremo da humilhação e é praticamente obrigado a sempre renegar sua religião. Por que ele não pega a comida dos porcos? A resposta resulta da tradução: “Bem desejava ele matar a fome com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhes dava”. Assim sendo, ele precisava roubar seu alimento.<sup>25</sup>

Na verdade, a criação de porcos era vista com desprezo até mesmo no mundo greco-romano, e os judeus eram absolutamente proibidos de criar suínos, já que o Antigo Testamento os classificava como animais imundos, que não deviam ser consumidos ou tocados. A *Mishnah* afirma de modo explícito: “Ninguém poderá criar suínos em parte alguma” (*m. Baba Qamma* 7,7), ao que o *Talmude* acrescenta: “Maldito seja o homem que procriar suínos e maldito seja o homem que ensinar a sabedoria da Grécia ao seu filho” (*b. Baba Qamma* 82b). Na perspectiva de Snodgrass,<sup>26</sup> a analogia entre o pródigo que se juntou a um gentio para alimentar porcos e os cobradores de impostos que se uniam aos romanos parece óbvia.

Já as vagens de alfarrobeira eram conhecidas em toda a região do mediterrâneo como forração para animais e comida de desespero para os seres humanos. Normalmente a referência é compreendida como sendo vagens de uma árvore de sempre-viva (*ceratonia siliqua*), a qual, na época certa, continha sementes doces.<sup>27</sup>

A informação que aparece está no passado imperfeito: *E ninguém lhe dava nada*. Isto possivelmente significa que ele tentara até mendigar, mas fracassara. Obviamente que ele recebia algo pelo fato de apascentar os porcos; mas, em tempo de fome, com a disponibilidade da mão de obra barata de pessoas quase morrendo de fome, o que ele ganhava não era suficiente para sua subsistência.<sup>28</sup>

---

<sup>24</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 221.

<sup>25</sup> JEREMIAS, J., As parábolas de Jesus, p. 131.

<sup>26</sup> SNODGRASS, K., Compreendendo todas as parábolas de Jesus, p. 194.

<sup>27</sup> SNODGRASS, K., Compreendendo todas as parábolas de Jesus, p. 194; BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 219-222.

<sup>28</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 222.

É, então, quando o filho mais jovem *cai em si*. Bailey<sup>29</sup> trabalha na perspectiva de que isso significou, de alguma forma, que ele se arrependeu. No entanto, este “arrependimento” é diferente daquele que aconteceu diante do seu pai, já que esse desejo de retornar é simplesmente por conveniência, visto que seus recursos haviam chegado ao fim.

O fato é que, depois de ter descrito a vida dissoluta do filho mais novo, o pai entra novamente em cena com alguns gestos incríveis: vê chegar ao longe o filho – o que significa que espera por ele desde que ele se fora –; sente compaixão; vai ao encontro dele; se agarra ao pescoço dele e o beija (v. 20). Durante alguns instantes, parece deixar ao filho a possibilidade de lhe comunicar o que tinha preparado para aquele encontro. Interrompe-o, porém, antes de ouvir o pedido para ser tratado como um empregado e ordena aos servos para irem buscar a melhor túnica, para lhe porem o anel no dedo e as sandálias nos pés; matarem o novilho gordo e organizarem e festejarem. De todas as ações que o pai realiza em favor do filho mais novo, do ponto de vista teológico, a decisiva é a que marca a viragem da parábola, e está presente na expressão “encheu-se de compaixão” (v. 20).<sup>30</sup>

O pai ama visceralmente o filho perdido, até sentir por ele a paixão humana mais profunda. Este mesmo verbo aparece na virada da parábola do bom samaritano: “encheu-se de compaixão” (Lc 10,33; 15,20). A compaixão do bom samaritano pelo moribundo é a mesma do pai pelo filho perdido. Gourgues,<sup>31</sup> inclusive, constata que, no caso do homem caído à beira do caminho, os cuidados do samaritano foram demonstrados em sete procedimentos: depois de se mover de compaixão, aproximou-se (1), cuidou de suas chagas (2) derramando óleo (3) e vinho (4), depois colocou-o em seu próprio animal (5), conduziu-o à hospedaria (6) e dispensou-lhes cuidados (7) (Lc 10,33-34). De igual modo, também os cuidados do pai para com o filho que retornava, foram apresentados em sete verbos: “trazei a melhor túnica (1), revesti-o com ela (2), ponde-lhe um anel no dedo (3) e sandálias nos pés (4), trazei o novilho cevado e matai-o (5): e comamos (6) e festejemos (7)” (Lc 15,22-23). Em ambos os casos, o número sete também indica que ambos, o samaritano e o pai, fizeram todo o necessário para acolher e cuidar em sua completude, seja do homem ferido, seja do filho mais novo, de modo que nada lhes faltasse. Tudo, porém, só é possível a partir da compaixão. Logo, voltando

<sup>29</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 224.

<sup>30</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, As parábolas da misericórdia, p. 63-64.

<sup>31</sup> GOURGUES, M., As parábolas de Jesus, p. 126.

a Lc 15, no centro da parábola está a misericórdia do pai, uma dimensão que amadurece no íntimo e se concretiza em gestos pelo próximo.<sup>32</sup>

O filho mais novo, que havia se perdido – e se acreditava quase que irre recuperável, a ponto de pensar que o pai sequer o aceitaria – acaba descobrindo que o pai o ama sem limites e o recebe com festa; descobre também que o amor realiza a justiça, libertando para a vida<sup>33</sup>. Nesse sentido, a parábola se coloca na mesma perspectiva da ovelha que se perdeu (Lc 15,4-7) e da moeda que foi encontrada (Lc 15,8-10) é preciso fazer festa quando se recupera o que se perde.

Todavia, os gestos do pai são bastante significativos. O pai, de alguma forma, esperava que o filho fracassasse. Ele é considerado como morto. Se voltar, será como mendigo. O pai também sabe como a aldeia (que, para começar, deve ter-lhe dito que ele não devia ter liberado a herança) tratará o rapaz por ocasião da sua chegada. O pródigo será escarnecido por uma multidão que se reunirá espontaneamente quando a notícia correr a aldeia, falando da sua volta. De fato, assim que identificado, uma multidão começará a se ajuntar e ele será alvo de cantigas zombeteiras e muitos outros tipos de abuso verbal.<sup>34</sup>

O pai também sabe do tratamento que o filho receberá. Logo, suas atitudes são uma série de atos dramáticos calculados para proteger o rapaz das hostilidades da aldeia e para restaurá-lo à comunhão da comunidade. Observe-se que:

- Um nobre oriental *nunca corre* para parte alguma. Fazê-lo é humilhante. “O andar do homem dá a conhecer quem ele é” (Eclo 19,28). O pai, então, calculando o sofrimento e a humilhação pelas quais o filho passaria quando estivesse se aproximando da aldeia, toma os para si: ao correr através da aldeia, assume a postura humilhante. Além do que, o pai torna a reconciliação um ato público, quase que para dizer: *Se eu o recebi, recebam-no vocês também!* E, ali, não há palavras de aceitação ou boas-vindas: o amor expresso é profundo demais para ser mostrado através de palavras. “o pai substitui palavras por beijos, e substitui afirmação por expressão e os olhos pela língua”.<sup>35</sup>
- O beijo é sinal de reconciliação e de perdão. Quando uma briga séria tem lugar na aldeia e se consegue a reconciliação, parte da cerimônia

<sup>32</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, As parábolas da misericórdia, p. 64.

<sup>33</sup> STORNILO, I., O evangelho de Lucas, p. 143.

<sup>34</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 229.

<sup>35</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 230.

levada a efeito para sacramentar a reconciliação é um beijo público dado pelos homens envolvidos (Gn 33,4).<sup>36</sup>

O curioso é que o filho, dirigindo-se ao pai, não pede para ser tratado como um dos empregados, provavelmente porque, dadas a alegria e a compaixão do pai, este o interrompera antes que o filho concluísse sua fala. No entanto, o pródigo, na verdade, *mudou de ideia (metanoia)* por ter visto o amor de seu pai: o amor se tornou visível. É ali, inclusive, que se dá o arrependimento total, como resultado de uma demonstração profunda de amor.<sup>37</sup>

A melhor roupa, a que o pai solicita ao servo, é sua própria. A ideia é que, quando os convidados chegarem para o banquete e o povo afluir para vê-lo e ouvir a sua história, congratulando-se com ele pela sua volta, a roupa do pai assegurará a aceitação de ao menos parte da comunidade. Com esta ordem, o pai também assegura a reconciliação do filho para com seus servos. Na verdade:

A veste significa uma alta distinção; quando um rei quer condecorar um dignatário de mérito, ele lhe dá uma veste preciosa; pôr a nova veste é, daí, figura do tempo de salvação. O anel é, como o mostram as escavações, um anel-sinete: sua entrega significa entrega de plenos poderes. Sapatos são um luxo; é o homem livre que os usa: o filho não deve mais andar com os pés no chão como um escravo. Para ocasiões especiais, matava-se um bezerro. Significa uma festa de alegria para a casa e amigos e a festiva recepção do filho que retornou à comunhão da mesa. As três ordens, portanto, são a publicação do perdão e do restabelecimento na condição de filho. Todos devem reconhecê-lo.<sup>38</sup>

Por fim, o pai ordena que se mate um bezerro cevado – ao invés de um cabrito ou de uma ovelha. A carne, naquela civilização sem refrigeradores, estragar-se-ia em poucas horas. Sem dúvida, a principal ideia ao se matar um animal maior é convidar a comunidade inteira. Como acontece com o pastor que encontra a ovelha e a mulher que acha sua moeda, a alegria precisa ser compartilhada por todos, de todos os lados.<sup>39</sup>

Para os ouvintes palestinos, portanto, inicialmente o pai seria símbolo de Deus. Ao mostrar, porém, no cerne da parábola, as atitudes dramáticas do pai, Jesus pretendia que seus ouvintes vissem neste ato uma representação da maneira de como ele recebia os pecadores. Quando o pai sai de casa para ir de

<sup>36</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 230.

<sup>37</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 230.

<sup>38</sup> JEREMIAS, J., As parábolas de Jesus, p. 131-132.

<sup>39</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 233.

encontro ao seu filho em amor e humildade, demonstra pelo menos parte do significado da encarnação e da expiação. Se o pai não tivesse corrido em direção ao filho, teria mais um servo; no entanto, ele queria algo a mais. O amor do pai sempre fora profundo e duradouro.<sup>40</sup>

Em outras palavras, “a compaixão do pai não se fez somente de comoção, mas transformou-se em paixão capaz de fazer nascer a vida onde existia a morte”.<sup>41</sup>

### 3.2. A segunda parte: a chegada do filho mais velho

Havia uma celebração ruidosa, impetuosa e alegre em curso quando o filho mais velho se aproximou de casa. A música dá a entender à aldeia que há algo para comer. Não há “início” formal e oficial. O povo vem, canta, dança, bebe vinho (que naturalmente é abundante em situações assim), conversa, come, sai, volta e assim por diante. Tudo está em movimento. O som da música acusa que as coisas começaram, a comida está sendo servida e os convidados começaram a chegar.<sup>42</sup>

Um filho que tivesse relacionamento normal com a família entraria imediatamente, ansioso por participar da alegria, seja qual fosse a sua fonte. O filho mais velho não se adianta, como era de se esperar: fica ressabiado, sem motivo. A palavra *paidón*, a quem ele pede informações, pode significar *filho*, *servo* ou *menino*. As evidências mostram que a tradução mais adequada seria *menino*, visto que, em festas como estas, as crianças não são convidadas. Os rapazinhos, em particular, congregam-se em grande número e ficam à frente da casa, unindo-se ao entusiasmo da festa. Embora não estejam presentes oficialmente, é parte inevitável de qualquer celebração. É o primeiro grupo com quem o filho mais velho se encontra. Além do que, o suposto *menino* refere-se ao pai como “teu pai”: um servo diria, sem dúvida, “meu senhor”.<sup>43</sup>

O fato, porém, é que, em banquetes como este, o filho mais velho tem uma responsabilidade semioficial. Espera-se que ele passeie entre os convivas, cumprimentando, assegurando-se de que todos têm o suficiente para comer, dando ordem aos servos ao seu redor e, em geral, tornando-se uma espécie de mordomo da festa. Na verdade, em todo o mundo árabe e no Irã, o filho mais velho fica à porta, descalço, para saudar os convidados. Desse modo, aguarda-

<sup>40</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 237.

<sup>41</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, As parábolas da misericórdia, p. 68.

<sup>42</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 240.

<sup>43</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 240.

se que ele abrace e se congratule publicamente com o seu irmão, e aceite os cumprimentos que virão sobre ele, da parte dos convivas que presumem que ele esteja alegre porque seu irmão está de volta. O filho mais velho, porém, opta por humilhar o pai publicamente, enquanto os hóspedes ainda estão presentes.<sup>44</sup>

Dessa vez, portanto, o preço é mais elevado do que o que pagou o filho mais novo: o pai deve aguentar uma lamentação que o queima. O mais velho acusa-o de ser avarento, de sequer se dispor a lhe dar um cabrito para festejar com os amigos. Um pai em contradição consigo mesmo é aquele que não paga a quem lhe é fiel, enquanto manda matar o bezerro gordo por aquele que dizimou tudo o que tinha. A raiva leva o mais velho a deformar a verdade que conhece desde o início: perante o pedido do mais novo da parte que lhe pertence, o pai não levantou problemas; e os três quartos do patrimônio são do filho mais velho.<sup>45</sup>

O filho mais velho se dirige ao pai sem usar títulos e demonstra a atitude e o espírito de um escravo, e não de um filho. O mais curioso, porém, é o fato dele afirmar: “Nunca desobedecei às tuas ordens”. A tradução mais adequada seria *mandamentos*, ao invés de *ordens*, o que sugere que:

Este é o espírito dos fariseus, pelo qual ele (o filho mais velho) entra na fileira dos “noventa e nove que não necessitam de arrependimento”; assim, mesmo que ele nunca tivesse desobedecido as ordens de seu pai, com este ato ele havia quebrado o maior dos mandamentos: o do amor.<sup>46</sup>

Isto quer dizer que o filho mais velho mostra certa insatisfação com a casa de seu pai; sente-se injustiçado. Dessa forma, ele não é melhor que seu irmão mais novo que, na verdade, era um “pecador honrado” pelo fato de ser perfeitamente aberto ao pai; dissera-lhe tudo que estava em seu coração. O irmão mais velho, por sua vez, era um “santo hipócrita”, porque escondia os seus sentimentos no coração: ele permanecera na casa o tempo todo, mas odiando o pai. Negando-se a ter qualquer relacionamento com o irmão, nega-se também a se relacionar com o pai. Ele diz: “*Esse teu filho*”, ao invés de dizer “*meu irmão*”, e lembra o fariseu da parábola que, com desprezo, também disse:

---

<sup>44</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 241.

<sup>45</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, As parábolas da misericórdia, p. 65.

<sup>46</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 243.

“Este publicano” (Lc 18,11). Com esta declaração, o filho mais velho se excluiu da família e comina a sentença de “proscrito” para si mesmo.<sup>47</sup>

Se, porém, na perspectiva de Storniolo,<sup>48</sup> conceber-se o pai da parábola como sendo Deus; o irmão mais novo como a imagem dos marginalizados e dos excluídos do círculo dos justos da sociedade; e o filho mais velho como todos os pretensos justos que não precisavam de conversão, porque nunca haviam cometido o menor erro e, como tais, se sentiam no direito de julgar os demais, compreende-se também o quanto a parábola incomodara estes últimos, para os quais a paternidade de Deus tornou-se perigosa, já que pretendiam desfrutar de uma “filiação exclusiva”, mostrando-se como donos da herança divina<sup>49</sup>.

Num dado momento eterno (!), no céu, cinco líderes religiosos passaram perto de um grupo pouco amistoso, num salão isolado à entrada do céu. Estavam na antessala, mas não entravam. Portavam carimbo na testa e traziam seus livros e símbolos religiosos debaixo dos braços, separados uns dos outros por tabiques reforçados, porque nem lá se misturavam. Um anjo explicou: “São os fanáticos de todas as religiões. Porque eram sinceros vieram para cá, mas porque continuam cabeçudos, não aceitam entrar. Fanáticos não admitem partilhar o céu com gente que não acreditou como eles. *Passaram a vida dizendo quem não iria e não devia entrar no céu e agora passarão a eternidade dizendo quem não deveria ter entrado. Só entrará se o céu se adaptar ao jeito dele. Como não é, está lá, esperando que Deus mude de ideia e aceite a doutrina dele.* Enquanto isso, o castigo dele é ver entrar no céu todos os que ele garantiu que Deus não acolheria.”<sup>50</sup>

Deve-se observar ainda que, para o filho mais velho, um momento de alegria seria uma boa refeição sua com seus amigos; o retorno do seu irmão, não. O filho, inclusive, chega a fazer a acusação de que o irmão gastara o dinheiro com meretrizes, fato que não é contado na estória. O pai, porém, passa por alto a omissão de um título, a amargura, a arrogância, o insulto, a distorção dos fatos e as acusações injustas. Não há condenação, nem crítica ou rejeição, mas tão somente um derramamento de amor. Aliás, o próprio modo do pai chamar o filho mais velho (*téknon*) denota uma relação íntima. O pai reconhece que o patrimônio é do filho mais velho, mas isso não lhe interessa. A sua

<sup>47</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 244.

<sup>48</sup> STORNILO, I., O evangelho de Lucas, p. 142-143.

<sup>49</sup> PIKAZA, X. O., Pai, p. 648.

<sup>50</sup> OLIVEIRA, J. F., Meu irmão crê diferente, p. 52-53.

preocupação concentra-se mais no contraste entre “*esse seu filho*”, que lhe foi apontado pelo mais velho, para o transformar “*nesse seu irmão*”. A conversão mais profunda que o pai esperava não é a do filho mais novo, que voltou para casa somente porque de outra forma morreria de fome, mas principalmente a do filho mais velho, incapaz de reconhecer o pai e o irmão.

Pagola sintetiza o que significaria, naquele contexto, a parábola que Jesus contara:

É possível que Deus seja assim? Como um pai que não guarda para si sua herança, que respeita totalmente o comportamento dos filhos, que não anda obcecado por sua moralidade e que, rompendo as regras convencionais do justo e correto, procura para eles uma vida digna e feliz? Será esta a melhor metáfora de Deus: um pai acolhendo de braços abertos os que andam “perdidos” fora de casa e suplicando a todos os que o contemplam e ouvem que acolham com compaixão a todos? A parábola significa uma verdadeira “revolução”. Será isto o reino de Deus? Um pai que olha suas criaturas com amor incrível e procura conduzir a história humana para uma festa final onde se celebre a vida, o perdão e a libertação definitiva de tudo aquilo que escraviza e degrada o ser humano? Jesus fala de um banquete esplêndido para todos, fala de música e de danças, de homens perdidos que provocam a ternura de seu pai, de irmãos chamados a perdoar-se. Será esta a boa notícia de Deus?<sup>51</sup>

São questões que emergem, mas que, sem dúvida, só serão respondidas na eternidade. O ensinamento, porém, é claro: não importa o que se faz, quando, por uma tentação ou outra, decide-se afastar-se livremente de Deus. Ele permite, ainda que “com tristeza”. Se, porém, o que partiu se dispuser a voltar, Ele, certamente, o acolherá de braços abertos.

## Conclusão

Os principais temas da parábola do *pai misericordioso* – ele é o centro, não os filhos! – são o pecado, o arrependimento, a graça e a filiação. É por isso que, quando estudada à luz da cultura oriental, esta parábola é, de fato, *Evangelium in Evangelio*.

No entanto, não é correto fazer, *apenas*, uma identificação pessoal dos fariseus com o filho mais velho, e dos publicanos e pecadores com o mais jovem. Na verdade, extrapolando essa análise, Jesus está discutindo dois tipos

<sup>51</sup> PAGOLA, J. A., *Jesus Aproximação Histórica*, p. 164.



básicos de homens. Um é ilegal sem a lei, e outro ilegal dentro da lei. Ambos são rebeldes. Ambos partem o coração do pai. Ambos acabam em um país distante: um fisicamente; outro espiritualmente. O mesmo amor inesperado é demonstrado em humilhação, a ambos: este amor é essencial para que os servos se tornem filhos.

A parábola não conta o feliz ou infeliz fim da escolha do mais velho: se se deixou convencer pelo pai a entrar em casa; se também ele decidiu pedir a parte que lhe cabia para abandonar a casa paterna; se cruzou finalmente o seu olhar com o do irmão mais novo. Esta parábola é aberta, que deixa aos ouvintes a responsabilidade pelas suas escolhas: estabelecer relações de acordo com o direito e a justiça distributiva, ou inaugurar o caminho tortuoso da graça e da misericórdia. Como segunda escolha, é preciso considerar o pai não como um ingrato, por usar de misericórdia para com o pecador, mas como alguém que se alegrou pelo pecador que, morto, voltou à vida.

Se as parábolas da ovelha perdida (Lc 15,4-7) e da moeda encontrada (Lc 15,8-10) acabam positivamente, a do pai misericordioso termina num silêncio (Lc 15,11-32). Àqueles que criticam Jesus por acolher e comer com os publicanos e pecadores, é permitida a responsabilidade das escolhas: como considerar as relações com Deus, que é Pai, e com o próximo, que é irmão? “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (1Jo 4,20).

A parábola nasce, enfim, para defender o convívio que Jesus tinha com os pecadores. Se Deus aceita esse tipo de pessoa – não somente de forma geral, mas de modo específico em função da presença do Reino –, e se o convívio de Jesus com esse tipo de pecador representa o perdão e a misericórdia de Deus, então as reclamações acerca de suas ações são, claramente, descabidas e denotam uma desconexão com a obra de Deus. Existe, porém, algo que extrapola a defesa de Jesus: o convite para que os ouvintes tomem a mesma atitude que o pai teve com o filho pródigo diante dos pecadores. A mudança de atitude, portanto, leva consigo uma força de missão, de tal modo que além de aceitar os pecadores, cada um é motivado a buscá-los.

## Referências bibliográficas

BAILEY, K. **As parábolas de Lucas**. São Paulo: Vida Nova, 1985.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

GOURGUES, M. **As parábolas de Lucas**. Do contexto às ressonâncias. São Paulo: Loyola, 2005.

JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2007.

KODELL, J. Lucas. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (Org.). **Comentário Bíblico**. São Paulo: Loyola, 1999. p. 73-108.

MCKENZIE, J. L. Hospitalidade. In: MCKENZIE, J. L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983. p. 392.

OLIVEIRA, J. F. **Meu irmão crê diferente**. São Paulo: Paulinas, 2016.

PAGOLA, J. A. **Jesus Aproximação Histórica**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PIKAZA, X. O. Pai. In: PIKAZA, X. O.; SILANES, N. (Org.). **Dicionário teológico**. O Deus cristão. São Paulo: Paulus, 1988. p. 646-657.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **As parábolas da Misericórdia**. São Paulo: Paulus / Paulinas, 2006.

SNODGRASS, K. **Compreendendo todas as parábolas de Jesus**: Guia completo. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010.

STORNIOLO, I. **O Evangelho de Lucas**. Os pobres constroem a nova história. São Paulo: Paulus, 1992.

*Tiago Cosmo da Silva Dias*

Mestrando em Teologia no Programa de Estudos de Pós-Graduação em  
Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Membro do Grupo de Pesquisa Religião e Política no Brasil Contemporâneo  
(PUC-SP/CNPQ)  
São Paulo / SP – Brasil  
E-mail: pe.tiagocosmo@gmail.com

Recebido em: 13/07/2020

Aprovado em: 08/10/2020